

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO



CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

FIL 2651
1CA

Questões de Filosofia Moderna
Dar forma ao informe:
leituras cruzadas sobre Charlotte Delbo e Primo Levi

PERÍODO-

CARGA HORÁRIA TOTAL: 45 HORAS

CRÉDITOS: 3

Horário
4ª feira
9:00/12:00

PROF.:
Renato Lessa

Devemos ao escritor Elie Wiesel a expressão “literatura de testemunho”, cunhada para designar o conjunto de relatos escritos por sobreviventes dos campos de concentração e de extermínio nazistas. Os termos de Wiesel, ele mesmo um sobrevivente, são claros: “se os gregos inventaram a tragédia, os romanos a epístola e o Renascimento o soneto, nossa geração inventou uma nova literatura, a do testemunho”. O rótulo, não sendo de todo descabido, acabou por reduzir o valor daquela variante literária a seu conteúdo e força testemunhais: ela valeria mais pelo *testemunho* que presta do que pela *literatura* que pratica.

Se há testemunho nesses relatos, ele se dá a ver apenas através do seu sobrepasso, daquilo que o excede. A transmissão dá-se por meios abertamente literários, já que para os que sobreviveram não bastava “contar” o que se passou.

Marcel Cohen, em seu incontornável livro *A cena interior: fatos*, bem indicou o quanto a possibilidade da escritura dos sobreviventes da Shoah dependia de uma “vontade de encontrar uma forma para o informe”. Ruth Klüger, outra *rescapée*, optou por abrir seu também compulsório livro com uma epígrafe de Simone Weil de idêntica sensibilidade: “suportar o desencontro entre a imaginação e o fato”.

Primo Levi, em 1946, teve os originais de seu mais famoso livro – *É isto um homem?* –, baseado em sua passagem por Auschwitz, recusado pela prestigiosa editora Einaudi, em grande parte pela percepção de que se tratava de um testemunho específico, a destoar do clima geral de vitória sobre o fascismo. O livro acabou acolhido por uma pequena editora – De Silva -, e publicado em 1947 com tiragem discreta, o que não impediu recepção entusiástica por parte de gente como Italo Calvino, em sua coluna no jornal *L'Unità*: o texto em questão, mais do que conter um relato testemunhal, era obra de um escritor dotado de méritos literários incomuns. Em outra oportunidade, Calvino não se furtaria a destacar a presença de um “*pathos* lírico” na escritura de Levi, marcada por um grande empenho de natureza formal.

Apesar de Ruth Klüger, também sobrevivente dos campos da morte e autora do excelente *Paisagens na memória*, referir-se a Primo Levi como alguém que chegara ao campo de extermínio “com a autoconfiança de um sujeito adulto” e “arraigado espiritualmente no racionalismo”, os primeiros escritos levianos a respeito tomaram forma poética. Por todo seu livro de estreia, a poética de Dante se insinua como “ambiente” semântico e imagético que acolhe os fragmentos da experiência. A própria Ruth Klüger, ao escrever suas memórias cerca de 50 anos após os eventos concentracionários, valeu-se de seus poemas de época, como modo de trazer ao relato tardio a vivacidade da captura do instante.

Cherlotte Delbo foi presa pela polícia francesa em março de 1942, por seu envolvimento na vertente comunista da Resistência, juntamente com o marido – Georges Dudach -, que seria executado dois meses após a prisão. Delbo passou onze meses por diversos campos franceses, tendo sido deportada para Auschwitz em 24 de janeiro de 1943, no único comboio de presos políticos enviados da França com tal destino, um ano antes da deportação de Primo Levi, fazendo parte de um conjunto de 230 mulheres francesas para ali enviadas. Depois de um ano, foi enviada ao campo de Ravensbrück, até o final da guerra. Delbo foi uma das 49 mulheres sobreviventes do transporte de 24/1/43. Em 1965, Delbo publicou um livro notável, no qual recompôs, como em um glossário, tudo o que sabia a respeito de cada uma de sus companheiras de infortúnio. Trata-se do livro *O comboio de 24 de janeiro*, saído em 1965,

no mesmo ano de seu grande livro *Nenhum de nós voltará*. Tanto quanto os livros de Levi, a obra de Delbo é essencial, tanto como empenho de transmissão como pelo apuro formal e a maestria de recursos literários.

Um claro ponto de convergência entre as narrativas mencionadas – Levi, Kluger, Delbo - é a indicação de uma radical supressão da experiência humana ordinária: a visão de sujeitos humanos arrancados de seus contextos originais de familiaridade. Algo que já aparecera na *Comedia* de Dante, quando advertia que já não estamos mais no Cerchio – no rio de nossa aldeia - a nadar. Uma experiência que, em Delbo e Levi emerge sob a forma de uma, a um só tempo, doce e amarga *nostalgia do ordinário e do comum*: o desejo onírico de “andar na rua”, de Delbo ou o encontro com o “cibo caldo” (comida aquecida) no regresso à casa após o trabalho ou aspirar a infelicidade dos “homens livres” de Levi. Em Delbo, “Andar, falar, responder às perguntas, dizer aonde queremos ir, ir”; em Levi, “...vocês que, voltando à noite, encontram comida quente e rostos amigos” e “durante algumas horas, podemos ser infelizes à maneira dos homens livres”¹. [no belo e pungente capítulo “Um dia bom”].

No mais, trata-se de livros de uma terrível beleza, nos quais os recursos da ficção encontram-se subordinados ao que Philip Roth designou como “os fatos”. Estes por sua vez, exigem o recurso e a destreza ficcionais para que sejam dados a ver; para que saiam desencavados de suas circunstâncias únicas e ganhem transmissibilidade. Os fatos exigem a linguagem e o mundo das metáforas e analogias. Em outros termos, a imaginação e os artifícios formais sustentam as possibilidades de *permanências factuais* em horizontes variados e intertemporais.

Pretendo com o curso, de modo abertamente experimental, praticar a (re)leitura dos textos aqui indicados, na perspectiva da detecção de uma “forma difícil” – em indevida apropriação da bela fórmula de Rodrigo Naves. Trata-se aqui da dificuldade de uma forma precedida por fatos extraordinários que, como tal, não foram precedidos por um sistema mínimo de regras, necessário para que pudessem ser reconhecidos como “fatos”.

¹. Cf. Charlotte Delbo, *Medida de nossos dias*, In: Charlotte Delbo, *Auschwitz e depois*, São Paulo: Carambaia, 2022, p. 290 e Cf. Primo Levi, *É isto um homem?*, Rio de Janeiro: Rocco, 1988, pp.9 e 77.

| | |
|--|---|
| | Como (in)conclusão, pretend agregar à discussão mencionada a visitação a duas obras, recentemente publicadas em língua francesa, respectivamente da lavra de Hans Blumenberg e de Georges Didi-Huberman, que lidam, cada um de seu modo, com questões convergentes. |
| EMENTA | Leitura, análise e discussão de obras literárias e testemunhais, a respeito da experiência da Shoah, com ênfase nos escritos de Primo Levi e Charlotte Delbo. |
| AVALIAÇÃO | Categoria Trabalho Final CATEGORIA 3 |
| BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL | Charlotte Delbo, <i>Auschwitz and after</i> , New Haven: Yale University Press, 1995. _____, <i>Auschwitz e Depois</i> , São Paulo: Carambaia, 2021. _____, <i>Auschwitz et Après</i> , in: Dominique Moncond'Huy (Dir.), <i>L'Espèce Humaine et autres écrits des camps</i> , Paris: Gallimard, 2021 (Bibliothèque de la Pléiade). Ruth Kluger, <i>Paisagens na memória</i> , Primo Levi, <i>É isto um homem?</i> , São Paulo: Rocco, _____, <i>A trégua</i> , São Paulo: Companhia das Letras _____, <i>Os afogados e os sobreviventes</i> : Rio de Janeiro: Paz e Terra Complemento: Hans Blumenberg, <i>La vérité nue</i> , Paris: Seuil, 2022. Georges Didi-Huberman, <i>Le témoin jusqu'au bout: une lecture de Victor Klemperer</i> . Paris: Minuit, 2022 |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR (outros textos poderão ser intriduzidos, com o andamento do curso) | Delbo: Ghislaine Dunant, <i>Charlotte Delbo: a life reclaimed</i> , Amherst and Boston: University of Massachussets Press, 2021 (2016) Heidi Grunebaum-Ralph, "Tracing Memory: Representation and the Auschwitz Experience in Charlotte Delbo's <i>Auschwitz et Après</i> ", Dissertation, Cape Town: University of Cape Town, 1997. Anne Martine Parent, "Transmettre malgré tout: ratages et faillites de la Transmission chez Charlotte Delbo", <i>Protée</i> , Vol. 37, #2, automne 2009. Michèlle Rosellini, "Notice", In: Dominique Moncond'Huy (Dir.), <i>L'Espèce Humaine et autres écrits des camps</i> , op. cit. pp. 1494-1504 |

Márcio Selligman-Silva, "Posfácio: Habitar o 'depois de Auschwitz': A trilogia do inferno de Charlotte Delbo", In: Charlotte Delbo, *Auschwitz e Depois*, op. cit., pp 436-460.

Levi:

Mario Barenghi. "Perchè Crediamo a Primo Levi", In: Fabio Levi (Org), *Lezioni Primo Levi*, Milano: Mondadori, 2019, pp. 179-210.

Massimo Bucciantini, "Esperimento Auschwitz", In: In: Fabio Levi (Org), *Lezioni Primo Levi*, Milano: Mondadori, 2019, pp. 37-98.

Carlo Ginzburg, "Dante's Blind Spot (Inferno, XV!-XVII)", In: Sara Fortuna, Manuele Gragnolati e Jürgen Trabant (Eds), *Dante's Pluralism: authority, knowledge, subjectivity*, London: Legenda, 2010, pp. 150-163.

Robert Gordon, "'Sfacciata Fortuna': La Shoah e il Caso", In: Fabio Levi (Org), *Lezioni Primo Levi*, Milano: Mondadori, 2019, pp. 3-36.

Renato Lessa, "O silêncio e sua representação", In: Evelyn Schweidson (Org.), *Memória e Cinzas*, São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____, "Vita infera: Dante, Primo Levi", In Aislan Camargo Macieira e Luciana Massi (Orgs.), *Caleidoscópio Primo Levi*, Campinas: Editora da Unicamp. 2020.

_____, "À guise de posfácio", In: Renato Lessa e Rosana Kohl Bines (Orgs.), *Mundos de Primo Levi*, Rio de Janeiro: Editora da PUC/Numa, 2022.

Ian Thomson, *Primo Levi*,

Valeria Traversi, "Per dire l'orrore: Primo Levi e Dante". **Rivista Internazionale di Studi su Dante Alighieri**, Vol. 5 (2008), pp. 109-125.